



USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO JORNALISMO: IMPACTOS, DESAFIOS E OPORTUNIDADES NA PRÁTICA JORNALÍSTICA CONTEMPORÂNEA

Use of Artificial Intelligence in Journalism: impacts, challenges, and opportunities in contemporary journalistic practice

El uso de la inteligencia artificial en el periodismo: repercusiones, retos y oportunidades en la práctica periodística contemporánea

Jean Michel Galindo da Silva ¹
Maria Irene da Fonseca e Sá ²

Resumo: As transformações tecnológicas atuais, impulsionadas pela Inteligência Artificial (IA), têm impactado diversas áreas, incluindo o jornalismo. Este estudo investiga como a IA está sendo aplicada na prática jornalística, analisando textos científicos sobre seus efeitos positivos e negativos. A metodologia adotada combina abordagens quantitativas e qualitativas, com a análise de 20 documentos coletados nas bases de dados Google Acadêmico e Portal de Periódicos da CAPES. Os resultados revelam que a utilização da IA no jornalismo pode acelerar a produção de conteúdo e a interpretação de dados, mas também levanta preocupações como a desinformação e a potencial diminuição da profissão de jornalista. Os impactos negativos observados incluem a baixa qualidade de textos complexos e a falta de checagem das informações. Por outro lado, a produção rápida e a qualidade humana na apuração de fatos destacam a importância do papel do jornalista como mediador da informação. Os resultados sugerem a necessidade de regulamentações éticas e a transparência no uso da IA, além de enfatizar que, embora a tecnologia ofereça oportunidades, o objetivo do jornalismo continua sendo a busca pelos fatos. Portanto, mais investigações são necessárias para compreender plenamente as implicações da IA no jornalismo, visando maximizar seus benefícios e mitigar os riscos associados.

Palavras-chave: Jornalismo automatizado. Inteligência Artificial. Jornalismo.

Abstract: The current technological transformations, driven by Artificial Intelligence (AI), have impacted various fields, including journalism. This study investigates how AI is being applied in journalistic practice by analyzing scientific texts about its positive and negative effects. The methodology adopted combines quantitative and qualitative approaches, with the analysis of 20 documents collected from the Google Scholar and CAPES Journals Portal databases. The results reveal that the use of AI in journalism can accelerate content production and data interpretation but also raises concerns such as misinformation and the potential decline of the journalism profession. Negative

¹ Bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: jmsilvaon@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8570291264188829>; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9859-8976>.

² Pós-Doutora em Ciências da Comunicação e Informação, Universidade do Porto - Portugal. Docente aposentada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: mariairene@facc.ufrj.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7170723845748247>; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7077-4664>.

impacts observed include the low quality of complex texts and the lack of information verification. On the other hand, rapid production and human quality in fact-checking highlight the importance of the journalist's role as a mediator of information. The results suggests the need for ethical regulations and transparency in the use of AI, while also emphasizing that, although technology offers opportunities, the goal of journalism remains the pursuit of facts. Therefore, further research is needed to fully understand the implications of AI in journalism, aiming to maximize its benefits and mitigate the associated risks.

Keywords: Automated journalism. Artificial Intelligence. Journalism.

Resumen: Las actuales transformaciones tecnológicas, impulsadas por la inteligencia artificial (IA), han tenido un impacto en diversos campos, incluido el periodismo. Este estudio investiga cómo se está aplicando la IA en la práctica periodística mediante el análisis de textos científicos sobre sus efectos positivos y negativos. La metodología adoptada combina enfoques cuantitativos y cualitativos, con el análisis de 20 documentos recopilados de las bases de datos Google Scholar y CAPES Journals Portal. Los resultados revelan que el uso de la IA en el periodismo puede acelerar la producción de contenidos y la interpretación de datos, pero también suscita preocupaciones como la desinformación y el posible declive de la profesión periodística. Entre los impactos negativos observados se encuentran la baja calidad de los textos complejos y la falta de verificación de la información. Por otro lado, la rapidez de la producción y la calidad humana en la verificación de los hechos ponen de relieve la importancia del papel del periodista como mediador de la información. Los resultados sugieren la necesidad de regulaciones éticas y transparencia en el uso de la IA, al tiempo que enfatizan que, aunque la tecnología ofrece oportunidades, el objetivo del periodismo sigue siendo la búsqueda de los hechos. Por lo tanto, se necesita más investigación para comprender plenamente las implicaciones de la IA en el periodismo, con el fin de maximizar sus beneficios y mitigar los riesgos asociados.

Palabras clave: Periodismo automatizado. Inteligencia artificial. Periodismo.

Introdução

As transformações tecnológicas que a sociedade atualmente presencia trouxeram oportunidades de aplicação em múltiplas áreas com o uso da Inteligência Artificial (IA). O jornalismo, que fundamentalmente lida com informação e o ato de comunicar, atualmente consubstanciado com os avanços da Inteligência Artificial, tem se beneficiado do uso desta ferramenta no exercício do ofício. Como metodologia, o estudo realizou a análise de textos científicos que tratam da utilização da IA na prática jornalística, com o propósito de entender os impactos, sejam eles positivos ou não, com vistas ao entendimento inicial sobre o que pode estar acontecendo.

Os resultados foram compostos pelas observações destacadas acerca dos impactos causados pela IA no jornalismo, mantendo-se o cuidado de separá-los em impacto negativo ou positivo, para que posteriormente pudessem ser usados como início das discussões dos resultados, que compõem a segunda parte do estudo. Dessa forma, o estudo elaborou discussões que buscam ir além da mera classificação do que seria bom ou ruim, procurando compreender

as implicações e as oportunidades, ao realizar a leitura de assuntos correlatos, com vistas a análises mais aprofundadas e conclusões mais abrangentes.

Acredita-se que o estudo apresenta contribuições relevantes para o campo do jornalismo, pois se aproxima de questões que lidam diretamente com a atuação do profissional da comunicação, que, além de informar a sociedade, também é moldado por múltiplas perspectivas que o circunscrevem como mediador da informação. “O jornalista é um importante ator no processo de produção de conteúdo que abastece os meios de comunicação, mantendo-se constantemente alerta durante a apuração dos fatos, com o intuito de atualizar as notícias que dissemina junto à sociedade” (Kunczik, 2002).

Nesse sentido, este estudo reflete sobre a aplicação dos recursos tecnológicos como uma possibilidade de avanço no campo da comunicação, no qual os receptores também podem atuar, como vem acontecendo desde a Web 2.0, mas com a diferença de haver uma ferramenta que se insere no processo de produção de conteúdo como uma espécie de “participante”. Desse modo, portanto, seria a IA uma coautora de uma obra? De acordo com Possenti (2002), sobre a noção de autoria, um texto possui autoria quando está carregado de sentido e traz consigo as vivências sociais que o autor, intencionalmente ou não, transportou para o texto. Não se trata somente da escrita gramaticalmente correta; trata-se daquilo que se intencionou dizer, atribuindo-lhe a responsabilidade pelo que disse. Ao utilizar a IA para a composição de uma obra literária, por exemplo, os autores que assinarão o texto deverão estar conscientes do que estão dizendo, de modo que a IA fará parte do processo de construção. Entretanto, a decisão de autorizar ou não a publicação de uma obra criada com o uso de IA ainda estará depositada no ser humano, o que lhe confere a responsabilidade pela autoria.

Destaca-se a criação como um ato que advém da possibilidade contida no próprio ser humano, constituído de múltiplos saberes e experiências que subsidiam seu modo de se expressar e o induzem a ser de uma maneira, em parte, pré-determinada pela sua conjuntura, que o circunscreve como um ser na sociedade. O ente que governa as ações, os desejos e o modo como o ser humano atua na sociedade, jazem de sua própria fruição com o ambiente que o concebeu, ou seja:

a ação do indivíduo que quer ser moral é ação sobre si mesmo; é no indivíduo que a razão deve prevalecer sobre a paixão, que o universal deve dominar e informar o particular: é a sua própria subjetividade que deve ser universalizada. Esse Eu, não empírico, cuja tarefa é transformar o eu empírico, só se manifesta no seio de um eu

empírico e só a ele se refere. [...] Todo indivíduo é chamado à liberdade, à razão, à moral, mas pela liberdade, pela razão, pela moral nele (Weil, 1990, p. 34).

Utilizar a IA para a criação de textos e outros tipos de composição poderá demandar, cada vez mais, a responsabilidade pela própria obra criada, de modo que a criação em si será mera construção, devendo a intenção estar presente, ainda que subjetivamente. Existem implicações diante de tal avanço, e, com certeza, uma delas será cada vez mais preponderante: a manutenção da capacidade crítica dos indivíduos, expostos a influências constantes, atraentes e dotadas de forte autoridade discursiva.

Tecnologia x trabalho

A Inteligência Artificial (IA) tornou-se um tema constante nos mais variados âmbitos. Seja por praticidade ou por questões éticas, o assunto precisa ser abordado para que a sociedade entenda e assuma o seu papel crítico na aplicação ou no consumo. Em um ensaio publicado no jornal Nexo (2023), intitulado *A regulação da IA no ambiente de trabalho*, foram apresentados aspectos intrínsecos às ferramentas de IA, bem como outras observações mais abrangentes. O texto evidencia o potencial da ferramenta como aliada no ambiente profissional, pois eleva a agilidade dos processos. Além disso, apresentou questões éticas quanto ao uso de dados, que ainda carecem de discussão, mesmo com a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais.

Em um primeiro momento, poderíamos olhar para a aplicação da IA e vê-la como uma mera ferramenta, pois, assim como um editor de texto ou de imagens, a IA faria somente o que o ser humano demanda. Sendo assim, uma crucial pergunta surge: por que os avanços da IA suscitam tanta discussão? Uma das respostas possíveis tem a ver com o deslocamento da atividade precípua de alguns profissionais, que, por meio da IA, passariam a delegar a execução total ou parcial de suas atividades laborais à IA. No entanto, como se trata de um não humano, será que isso seria ético? Segundo Amaral Filho (2024), “informar ao público que determinado trabalho jornalístico, no nosso veículo, foi produzido com a ajuda (ou totalmente) de uma IA é condição suficiente para que possamos garantir ao nosso público que estamos agindo com correção ética?” (Amaral Filho, 2024, p. 65). O ponto de tensão não estaria exatamente na utilização da IA como uma ferramenta, mas na maneira como a própria ferramenta fora concebida até poder entregar um produto sob demanda.

De modo geral, a tecnologia incrementou avanços na velocidade e qualidade do trabalho. De acordo com a *MIT Technology Review* (2024, *online*), o setor de Recursos

Humanos possui forte adesão a tecnologias na execução de suas tarefas, o que corresponde a quase 80% das empresas atendidas pela digitalização dos processos nesse segmento. Isso significa que os processos permeados pela tecnologia podem proporcionar produtividade, pois o investimento de tempo e recursos pode ser reduzido ao longo do tempo. Por exemplo, “[...] a IA também pode automatizar tarefas de rotina, liberando a força de trabalho para se concentrar em seus clientes”, segundo a *MIT Technology Review* (2023, online)³, com a possibilidade de manutenção e talvez até elevação da qualidade do trabalho. Portanto, o uso equilibrado da tecnologia pode provocar sinergia, pois garante aos profissionais a possibilidade de ampliação de sua capacidade de produção, mas sem retirar o aspecto humano, que dá sentido ao uso das ferramentas tecnológicas disponíveis no âmbito profissional.

Impactos da IA no trabalho

Assim, no ambiente profissional, a IA está cada vez mais presente, servindo como auxílio a variadas tarefas. No entanto, é preciso que haja certos limites e transparência. Uma das discussões que advém desse fato é a necessidade de regulamentação acerca da aplicação da IA em atividades que tradicionalmente seriam executadas por um ser humano. Será preciso medir até que ponto isso é benéfico sem deixar de ser ético, pois, no final, se a IA entregar um serviço que seja melhor que o de um ser humano, onde estaria o risco ou a falta de ética?

Estabelecer consensos talvez seja um dos melhores caminhos. De acordo com o jornal *Nexo* (2023, online)⁴, “negar os riscos do uso de inteligência artificial no ambiente de trabalho parece-nos tão equivocado quanto abdicar dos seus benefícios, com entregas mais ágeis, completas e precisas aos clientes”. O que se torna absolutamente pacífico é que há dois impactos: primeiro, os riscos ao usar a IA como ferramenta e o nível de “autonomia” da IA no atendimento das demandas e o segundo diz respeito aos benefícios oriundos da IA, como citado anteriormente. De todo modo, a matéria do Jornal *Nexo* acrescenta, ainda que sejam definidos os pressupostos acerca dos limites de aplicação da IA, serão necessários o acompanhamento e o monitoramento constantes para que se mantenha o uso alinhado com as políticas definidas dentro de cada organização. O grande impacto/transformação seria a divisão entre produtos e

³ MIT Technology Review (2023): <https://mittechreview.com.br/inteligencia-artificial-beneficios-para-empresas-de-todos-os-setores/>

⁴ Jornal *Nexo* (2023): <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2023/12/10/a-regulacao-da-ia-no-ambiente-de-trabalho>

serviços em que a IA dificilmente seria superior ao ser humano, pois a humanidade é e sempre será uma questão preciosa e imprescindível.

Os algoritmos existem para resolver ou facilitar tarefas que a sociedade demanda e estão presentes durante a utilização de diversas aplicações do cotidiano. Sem esses algoritmos, perderíamos uma espécie de guia sobre o “oceano” em que a internet se tornou. Além disso, os algoritmos podem, em conjunto com a Inteligência Artificial e os Dados, processar todo tipo de necessidade para obter respostas que representam de forma fidedigna o próprio subsídio que os torna fortemente poderosos: os próprios dados.

Em resumo, os algoritmos contribuem para a construção do que se entende como IA, como algo artificialmente inteligente, de acordo com a Alura (2023, online), a Inteligência Artificial funciona a partir de diferentes técnicas e algoritmos que permitem às máquinas aprenderem e executarem tarefas específicas. O principal recurso utilizado é o *Machine Learning*, no qual os modelos são treinados para relacionar entradas e saídas desejadas. No aprendizado supervisionado, a máquina aprende com exemplos rotulados, enquanto o aprendizado não supervisionado identifica padrões sem informações prévias. Já no aprendizado por reforço, o sistema interage com o ambiente, recebendo recompensas ou punições para aperfeiçoar decisões. Esses métodos compõem a chamada Inteligência Artificial Restrita ou Fraca, voltada a funções delimitadas, como reconhecimento de voz e recomendações digitais. Em um nível teórico, a Inteligência Artificial Geral ou Forte seria capaz de executar qualquer tarefa cognitiva humana, incluindo criatividade e compreensão emocional, mas ainda não foi alcançada. Por fim, a Inteligência Artificial Superinteligente, também hipotética, ultrapassaria a capacidade intelectual humana, trazendo desafios éticos, sociais e econômicos.

Contudo, aquilo que o faz capaz (algoritmo) de obter respostas para as mais diversas perguntas, também circunscreve seu modelo, porque o algoritmo é uma “receita”, um modo de resolver algo. A partir de sua utilização, estabelece-se o que vem depois do algoritmo, que é o modelo. Por exemplo, em uma matéria realizada pela Associação Brasileira De Medicina Diagnóstica (ABRAMED), “[...] com relação ao câncer de próstata, sabe-se que afrodescendentes têm, em geral, tumores mais agressivos, por isso, qualquer modelo de inteligência artificial deve contemplar esse grupo de pessoas para que seja completo” (ABRAMED, 2023?, online).⁵ Desta forma, o modelo passará, portanto, a representar

⁵ ABRAMED (2023?): <https://abramed.org.br/5512/desenvolvimento-da-inteligencia-artificial-na-saude-esbarra-em-questoes-eticas-e-integracao-de-dados/>

estatisticamente aquilo que os dados foram capazes de fornecer como realidade. As pessoas sub-representadas, assim como a sociedade em geral, deveriam estar cientes de como essas ferramentas são construídas, reivindicar mais transparência no processo de desenvolvimento e criticar sempre que entenderem que a ferramenta não atende às suas demandas.

Quando uma organização dispõe de um modelo a partir de um algoritmo, seria como se uma pessoa tivesse sido formada em alguma área específica do conhecimento. O problema que decorre desse aprendizado é que a programação do próprio algoritmo e os dados que o abasteceram podem estar imersos em preconceitos e vieses que deixariam à margem grupos tradicionalmente classificados como oprimidos. De acordo com Rossetti e Angeluce (2021, p. 3), “[...] questões éticas implicam em cuidados políticos, sociais e de governança dos algoritmos, que devem ser tratados efetivamente em *by design*, isto é, no cerne da própria criação dos algoritmos, para que princípios éticos já estejam presentes desde a concepção destes”. Outra solução possível, ou um jeito de começar a resolver essa ausência de representatividade, será incutir, deliberadamente, no algoritmo e no tratamento dos dados que o abastecerão, a representação da sociedade como ela é, plural e diversa, buscando o tratamento isonômico ao isolar comportamentos que estão aquém de uma convivência mais justa e ética.

Metodologia

Diante do momento de transformação e consolidação das novas formas de produção de conteúdo informativo realizadas com Inteligência Artificial, “os usos positivo e negativo da inteligência artificial no contexto da produção jornalística são fatos irreversíveis diante da evolução das técnicas de digitalização em curso e, obviamente, futuras” (Saad; Santos, 2023, p. 787). Neste cenário, o estudo estabeleceu o seguinte objetivo geral: elencar os impactos negativos e positivos causados pela utilização da IA no âmbito jornalístico. Foi escolhida a metodologia quanti-qualitativa: quantitativa pela contagem objetiva de ocorrência dos aspectos elencados e qualitativa, porque tal contabilização carece da interpretação a partir do texto para correta alocação, positiva ou negativa. Para compor o corpus a ser analisado, realizaram-se buscas junto às bases de dados Google Acadêmico e Portal de Periódicos da CAPES. Os termos de pesquisa usados foram: Jornalismo e Inteligência Artificial. Foram coletados 20 documentos e, em seguida, procedeu-se à análise de conteúdo dos mesmos para a composição dos resultados.

A segunda etapa da pesquisa consistiu na elaboração da discussão dos resultados, na tentativa de aprofundar os aspectos encontrados na primeira parte da pesquisa. As discussões serão compostas pelos resultados positivos e negativos como ponto de partida; no entanto, assuntos correlatos poderão ser tangenciados com o intuito de incrementar as discussões e abranger o assunto de forma mais completa.

Resultados e discussões

Nesta seção, serão apresentados os resultados obtidos a partir da aplicação da metodologia proposta, separando-os em resultados objetivos, com base na leitura dos artigos pesquisados, destacando-se os aspectos positivos e negativos, conforme mostrado abaixo na Tabela 1. Na segunda parte dos resultados, foi realizada uma discussão com o objetivo de aprofundar os aspectos evidenciados. Nesse momento, o estudo entendeu que os aspectos não deveriam ser tratados como negativos ou positivos, pois a livre composição das discussões, sem uma premissa pré-determinada, evitaria viés, permitindo a ampliação das perspectivas acerca dos aspectos que foram analisados com mais profundidade.

Entre os resultados da pesquisa destacam-se três como impactos negativos relacionados ao uso da IA em conjunto com a práxis jornalística. Com 23%, a baixa qualidade do conteúdo produzido pela IA para textos longos e/ou que demandam análise subjetiva, principalmente quando comparada com seres humanos, foi o aspecto mais recorrente durante a investigação. Em seguida, a Desinformação e a Extinção da profissão de jornalista, ambos com 14%. O primeiro muito relacionado à ausência de checagem junto às fontes, já o segundo como algo inevitável, porque com o potencial da IA para interpretar dados e produzir conteúdo, seria dispensável até certo ponto a permanência do jornalista.

Os resultados positivos encontrados para a utilização da IA no jornalismo são: Produção rápida 32%; Interpretação de dados 29% e Qualidade do ser humano (jornalista) 27%. A produção rápida está diretamente relacionada com a interpretação de dados, sem o qual a IA não conseguiria funcionar. Contudo, é importante lembrar, que a IA demanda do ser humano e sua criatividade para elaboração do conteúdo. A qualidade conferida aos seres humanos na prática jornalística foi defendida como algo insuperável pela IA, pois trata-se de uma capacidade fundamentalmente humana, que pode ser percebida em análises mais subjetivas, checagem junto às fontes e criatividade. Sendo assim, os resultados positivos contrapõem em parte os resultados negativos, e recoloca a figura do jornalista como agente preponderante no

exercício do jornalismo. “Desde o momento em que se passou a ler jornal com o objetivo de informar-se parte-se do pressuposto e/ou espera-se que aquilo que é contado nas notícias tenha uma correlação com o que aconteceu fora das páginas dos jornais” (Sponholz, 2008, p. 128).

Tabela 1 - resultados em números absolutos.

Impactos			
	negativos		positivos
Textos muito curtos	2	Produção rápida	12
Qualidade dos textos gerados pela IA	10	Interpretação (processamento) de dados	11
Desinformação	6	Ensino da IA	4
Transparência	4	Qualidade textos seres humano	10
Privacidade	2		
Extinção profissão jornalista	6		
Credibilidade jornalística	4		
Legislação (IA e Jornalismo)	4		
Ética	4		

Fonte: dados da pesquisa (2024).

A aproximação deste estudo com a questão dos impactos causados pela IA não abrange a totalidade dos problemas e oportunidades, sendo importante que mais investigações continuem debruçadas no tema para que o jornalismo continue beneficiando-se do que a IA pode oferecer de melhor. Contudo, os resultados demonstram um contexto ainda em desenvolvimento, o que significa que há oportunidades, como o estabelecimento de normas legais com o propósito de regular o uso da IA no jornalismo, e o ensino-aprendizagem por parte dos profissionais que desejam utilizar a IA como ferramenta de trabalho.

As discussões dos resultados seguem abaixo com a intenção de identificar os motivos e/ou as consequências da utilização da IA como instrumento de trabalho, para tanto, foram consultadas referências que pudessem corroborar com a proposta, mas sem a intenção de encontrar uma resposta definitiva. Portanto, apontar indicativos acerca da evolução da IA, bem como a adesão ao longo do tempo, foi um dos objetivos das discussões.

A produção automática de textos no âmbito jornalístico, impulsionada pelo avanço e utilização da IA como ferramenta de trabalho, está se consolidando como uma oportunidade para a geração de conteúdo e publicação de notícias. Isso não necessariamente valida a IA como uma solução definitiva, mas como uma oportunidade de uma nova forma de fazer jornalismo

em um universo fortemente competitivo. Godinho (2022), revela que a primeira tentativa de produzir conteúdo informativo foi no ano de 1970, com a geração de boletins meteorológicos. Já Canavilhas (2023), relata que a aplicação da IA como geradora de conteúdo coincidiu com a crise econômica provocada pelos *subprime* nos Estados Unidos, fato este que fez o setor procurar novas alternativas para continuar competitivo, apesar do cenário de recessão. O início da produção de conteúdo jornalístico automatizado teria ocorrido, de acordo com Dörr (2016), em 2007 pela empresa norte-americana *Automated Insights*, destinada à *Associated Press* e a dados desportivos para o Yahoo. Canavilhas (2023), faz um retrospecto sobre a evolução do uso da produção automática de conteúdo, indicando que, no Brasil, a produção automática de textos deu seus primeiros passos em 2017, no portal UOL.

Atualmente, as máquinas para produzir conteúdo estão disponíveis a todos, não sendo mais ferramentas exclusivas ou que demandam conhecimento técnico especializado. Em tese, qualquer pessoa pode usufruir dos recursos da IA, como é o caso do ChatGPT, da empresa OpenAI. Nesse sentido, a tecnologia evoluiu e o acesso também, mas é importante dizer que a inteligência oriunda das máquinas é fruto da capacidade humana de produzir tecnologias que reproduzem ou tentam reproduzir o que os seres humanos são capazes de fazer. Tratando-se especificamente da linguagem, “[...] a inteligência artificial pode simular a capacidade de emitir opiniões, mas essas opiniões são baseadas em algoritmos e dados processados, e não em crenças ou sentimentos próprios” (Assis, 2023, p. 64). A IA, ainda que seja dotada de técnica linguística, não é capaz de sentir ou de criar sentido próprio para o conteúdo que produz, pois a IA não está inserida em nenhum contexto que a circunscreva como um sujeito participante, cuja história emana de um lugar a partir dos sentidos. Ela apenas sintetiza, da forma mais coerente possível e por meio da estatística, o produto do seu modelo algorítmico, sendo assim:

o ChatGPT não corresponde, portanto, a um sujeito da linguagem tal qual o pode ser o sujeito-humano, visto que seu consciente é automatizado por um raciocínio lógico e gerenciado por algoritmos que geram respostas a comandos específicos. Assim, para responder à demanda do usuário do programa, ele se baseia nas palavras-chave de cada pergunta, ou seja, a melhor resposta será dada quanto mais específica for a pergunta. Explicam seus criadores que a IA, no estágio atual do seu desenvolvimento, só pode responder a comandos do modo como foi treinada, não criando por si novos comandos, que a façam escapar do controle humano e produzir o diferente, a polissemia (Fernandes, 2024, p. 221).

O que em 2007 surgiu como uma oportunidade de manutenção da produtividade com menos recursos financeiros, hoje está além do domínio exclusivamente jornalístico e

democratizou-se, levantando novas questões, como a qualidade do conteúdo, desinformação, transparência e regulamentação. Esses assuntos derivam do fato de a ferramenta ser útil, pois, caso contrário, sequer teria se consolidado no mercado. Existe “[...] a necessidade urgente de estratégias de mitigação que possam contrapor os efeitos da desinformação algorítmica, sugerindo que regulamentações focadas na responsabilização, transparência e na ética algorítmica sejam prioritárias no debate sobre inteligência artificial e comunicação” (Silva; Pôrto Júnior, 2024, p. 155). Ou seja, as discussões têm como propósito alcançar a melhoria da IA como uma ferramenta não apenas útil, mas também no sentido de esta se equiparar, nas mesmas dimensões que o ser humano, no que tange a aspectos legais, os quais conferem limites de aplicação e de qualidade, reforçando a credibilidade do conteúdo produzido e publicado.

Desinformação

A verdade é tudo aquilo que se acredita ser o fato, a realidade e o que realmente aconteceu. “O fundamento radical da verdade é a relação transcendente para o Absoluto. Mas na prática, a verdade pode ser subjectiva ou relativa, porque é possível o erro que falseia a verdade” (Alves, 1992, p. 421). Nesse sentido, portanto, existe a possibilidade, intencional ou não, de “alterar” a realidade por meio de verdades parciais ou totais, na tentativa de manipular o que se constrói como sendo o fato ou as diferentes facetas de um fato. Independentemente da intenção do agente produtor de uma notícia deliberadamente falsa, entende-se que o ato seja nocivo, pois desloca a percepção para mundos fantasiosos, onde a ficção reside, e coloca os receptores em um cenário que pode não se sustentar a longo prazo, mas que, mesmo assim, muito provavelmente causará diversos prejuízos, além de não cumprir com o dever de informar.

As *fake news* têm o potencial de influenciar o comportamento da população ao serem disseminadas de forma deliberada. O ato em si pode ser visto como uma atitude hostil, pois estaria carregado de intenções que visam à subversão da verdade. Além disso, podem ser um meio de descredibilizar fontes cujas informações veiculadas, ainda que credíveis, sejam colocadas em dúvida ao serem classificadas erroneamente como enganosas. Segundo Meneses (2018), Donald Trump foi quem utilizou o termo de forma “vulgar”, empregando-o com a suposta intenção de categorizar informações distribuídas na internet como falsas, sempre que estas lhe eram desfavoráveis. Desse modo, desde janeiro de 2017, o termo *fake news* passou a ser associado a notícias e, por conseguinte, ao jornalismo, sobretudo no meio digital. Além disso, a utilização do termo é considerado vulgar, porque *fake* (falso) associado a *news*

(notícias) constitui uma contradição, já que o emprego do termo notícia/news remete a um fato, ou seja, algo real, não inventado. Percebe-se a manipulação inclusive na aplicação do termo fake news, que desde o início estaria sendo utilizado como meio de desvirtuar uma prática tradicional e amplamente conhecida, o jornalismo, direcionando-se, contudo, ao produto do trabalho jornalístico: a notícia.

Na tentativa de encontrar uma definição que contemple os algoritmos no espaço da desinformação, Silva e Pôrto Júnior (2024) realizaram um exercício de reflexão acerca do tema e elaboraram uma ideia do que seria o que chamam de Desinformação Algorítmica, que, de acordo com os autores: A desinformação algorítmica advém do fato que a produção de conteúdo estaria amparada por outro conceito, o capitalismo da vigilância, que resumidamente são as sugestões de conteúdo que as redes sociais enviam para os usuários a partir do interesse do próprio usuário, estabelecendo-se uma bolha informacional com o intuito de mantê-lo interessado, ainda que em detrimento de outros conteúdos. Desta forma, entende-se que a Desinformação Algorítmica está ancorada em um sistema perverso que a alimenta com conteúdo que os usuários desejariam receber, a despeito de qualquer critério, e, a partir disso, surge a oportunidade de concretizar-se a disseminação de informação falsa, havendo portanto, a Desinformação Algorítmica.

Um indivíduo possui soberania (capacidade de decisão plena) para optar por permanecer encapsulado em sua bolha de informação, pois entende-se que há, no máximo, um convite para que novas realidades sejam apresentadas. “As novas tecnologias permitem que o indivíduo escolha os fóruns em que deseja engajar-se e as pessoas com as quais busca dialogar, fazendo com que os debates e as comunicações se encontrem restritos às áreas de interesse individual” (Robl Filho; Medón; Marrafon, 2022, p. 40). Entretanto, o direito de o indivíduo escolher onde irá se informar atribui a ele certa responsabilidade, pois a desinformação se perpetua por meio do compartilhamento. A lógica da produção-consumo-produção, que se estabelece atualmente, coloca os usuários como corresponsáveis por aquilo que eventualmente redistribuem, ao endossarem (apoiarem ou aprovarem) o conteúdo pela simples curtida e/ou divulgação.

Será preciso que haja um comprometimento contínuo em informar com qualidade, em concomitância com as tecnologias que incentivam os usuários a aceitarem as mesmas fontes de informação que normalmente consomem, mesmo que essas fontes disseminem conteúdo falacioso, manipulado ou mal formulado, porque “[...] a questão das bolhas está na base da proliferação de *fake news*, que tanto tem abalado os princípios do jornalismo” (Kaufman;

Santaella, 2020, p. 7). Portanto, o início do combate à desinformação está no reforço da informação que seja fidedigna. Acredita-se que esse seja o primeiro passo; posteriormente, o fortalecimento de políticas que incentivem a capacidade crítica durante a formação escolar seria outra etapa fundamental para consolidar um cidadão mais crítico.

Extinção da profissão de jornalista

A crença principal em torno da extinção da profissão de jornalista reside no fato de que a IA dispõe de grande capacidade computacional para processar dados e gerar conteúdo, o que faria do jornalista um “instrumento” dispensável. No entanto, é importante dizer que a ferramenta IA deve ser observada como um auxiliar da prática jornalística. Desse modo, Marconi (2020) explica que a inteligência artificial não automatiza a produção de notícias, ela amplia as possibilidades de acelerar tarefas repetitivas, abrindo tempo para o jornalista dedicar-se a conteúdos mais aprofundados e investigativos.

Evidencia-se uma oportunidade de atuação muito mais voltada à qualidade, ao invés da quantidade. Também existe a possibilidade de acelerar processos e entregar mais produtos com maior qualidade. Tudo depende dos objetivos editoriais e do perfil jornalístico de apuração, pois nem toda situação exige demasiada celeridade. Exemplo disso foi o período da pandemia, que exigiu velocidade na apuração dos dados para a composição de notícias sobre o assunto. De acordo com Assis (2023), por meio de um convênio entre a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade de São Paulo (USP), foi desenvolvido o robô “Corona Repórter”, cuja finalidade era específica e repetitiva: publicar e atualizar informações acerca da situação da pandemia, iniciativa que cumpriu o seu propósito, mas limitada à repetição das informações com a possibilidade de atualização.

Apesar dos inegáveis avanços trazidos pela tecnologia, ainda persiste um cenário nebuloso em relação à execução não supervisionada da inteligência artificial, fato que retiraria definitivamente o jornalista de sua posição mediadora, a qual garante a credibilidade da informação. De acordo com Assunção; Assunção; Santos (2023), os primeiros passos para a substituição do jornalista por sistemas automatizados já foram dados, o que não significa que será definitivo e que apresentarão a mesma qualidade do ser humano. No entanto, o Projeto de Lei 2338 de 2023, que dispõe sobre os usos da IA em território nacional, diz no Art. 3º: “o desenvolvimento, a implementação e o uso de sistemas de inteligência artificial observarão a boa-fé e os seguintes princípios” e dentre os princípios elencados no referido artigo, o inciso III

proclama “a participação humana no ciclo da inteligência artificial e supervisão humana efetiva”. Assim, por força de lei, que visa à regulamentação da IA, esse prelúdio, como dito por Assunção, Assunção e Santos (2023), deve ser observado como uma iniciativa corajosa, mas que ainda demanda atenção e desenvolvimento até o dia em que, de fato, a IA possa assumir o lugar de um jornalista. Nesse sentido, Assunção, Assunção e Santos, (2023), assim como Assis, (2023), destacam o conceito de “Jornalismo Automatizado” como algo que consiste em um modo de produzir conteúdo sem a necessidade de intervenção humana, ou com o mínimo possível, avanços que estão em ascensão e que estão causando uma transformação na comunicação.

Processamento de dados

Se existe um aspecto positivo ao utilizar a tecnologia para as mais variadas necessidades, o processamento de dados provavelmente será um dos pontos mais favoráveis quando o assunto é Inteligência Artificial. Ademais, será que o processamento de dados por si só traz apenas benefícios, ou há também efeitos colaterais? O modelo *Deep Learning* é um subcampo da IA chamado *Machine Learning*. Trata-se de um modelo estatístico cuja função é aprender sem a necessidade de programação. O modo de funcionamento imita a maneira como o cérebro opera, contudo, é subsidiado pela imensa quantidade de dados oriundos do *Big Data* e pela capacidade de processamento das *Graphics Processing Units* (GPUs). Com esses recursos, o modelo pode ser treinado e aprimorado com o intuito de melhorar sua precisão na resolução de problemas específicos.

A internet, enquanto espaço, oferece aos seus visitantes milhares de possibilidades de caminhos entrelaçados para exploração. Isso não seria necessariamente um problema, todavia, ocorre que cada pessoa possui necessidades ou gostos próprios. As demandas não são heterogêneas, mas sim homogêneas em relação a si, assim como milhões de outros visitantes do espaço virtual contidos na internet. Surgem então os modelos personalizados para cada visitante, sendo uma espécie de “Guia do Eu”, que comanda uma visita aparentemente perfeita à internet com um mundo virtual só seu. Ou seja, contém informações que condizem com seus anseios, pois reforça suas visões de mundo e afasta o contraditório e o diferente. Kaufman e Santaella (2020), falam sobre como a recente explosão de dados na internet trouxe a questão da curadoria, substituindo a ideia de liberdade dos primórdios da rede pela ideia de relevância. O acesso à informação passou a ser personalizado, o que atende aos usuários das

plataformas digitais que não desejam ver publicações, anúncios publicitários, recomendações de produtos, inadequados às suas preferências. Atualmente, a maior parte da curadoria é efetivada pelos algoritmos de IA, particularmente pelo processo de *deep learning*.

Aparentemente, a existência de uma curadoria para promoção do acesso personalizado junto às plataformas pode não parecer nociva. No entanto, o que ocorre é que as notícias também são alvo desse tratamento da informação por meio do algoritmo de vigilância. Assim, o modelo de IA, responsável por decidir quais informações o usuário irá receber e que terá grande probabilidade de obter sucesso, retira a oportunidade desse mesmo usuário, por meio da desinformação algorítmica, de decidir o que assistir além do que normalmente escolheria, pois não se estabelece a serendipidade. Tal processo apresenta similaridade com a teoria conhecida como *Gatekeeper*, que, de acordo com o autor:

[...]é o responsável por analisar esses materiais[informações], fazer adaptações e inserir ou recusar a entrada dessas informações ao jornal. O processo não apenas determina qual informação, dentre as inúmeras em oferta, será selecionada[...]. Ao desempenhar a função de decisão sobre o que ingressa nas pautas e nos jornais, o *gatekeeper* atua de forma a influenciar o que se torna realidade, uma vez que possibilita que a informação veiculada atravesse todos os portões da redação, chegando até o leitor, em detrimento de outras informações que são barradas em algum portão[...] (Ribeiro, 2016, p. 50).

O conceito que traduz o comportamento de alienação dentro do ambiente virtual é chamado de Bolha ou Câmaras de Eco. “A principal crítica às bolhas consiste na homogeneização que estas promovem das relações sociais ao manter os indivíduos em círculos sociais fechados, formados por iguais” (Kaufman; Santaella, 2020, p. 7). Fica evidente que se trata de um efeito da retroalimentação da própria perspectiva, ou da percepção que se tem de si no outro, uma manifestação da manutenção do *status quo* promovida por acasos anteriores. Como sugere Martins (2021), de forma discreta e contínua, os algoritmos atuam na formação de consensos, oferecendo a cada público apenas informações que correspondem aos seus interesses e convicções. Entretanto, quando o assunto são as organizações, “o papel do administrador em épocas de mudança e instabilidade se centra mais na inovação do que na manutenção do *status quo* organizacional” (Chiavenato, 2003, p. 8). A sociedade vive um momento de mudança e instabilidade com relação à IA. Ainda há muitos assuntos a serem tratados, o que significa que acompanhar ativamente o que está acontecendo é o mínimo que

cada cidadão pode fazer, pois essas transformações farão parte do cotidiano, tanto dentro quanto fora das organizações.

Qualidade e velocidade

A elaboração de textos cuja finalidade seja informar deve estar subsidiada por informações credíveis e manter um certo distanciamento, quando não se propõe a produzir uma opinião direta. Conforme Tavares (1997), o texto jornalístico deve evidenciar os fatos, sendo pontante, translucido para o leitor. Por esse motivo, deve levar ao leitor o conhecimento dos fatos com imparcialidade e seriedade. Esta seria uma das formas de classificar um texto de qualidade, além dos pressupostos relacionados à boa escrita, sob as regras gramaticais.

[...] o texto jornalístico está sujeito à uniformidade e à avaliação de qualidade. Para se adequar a estes dois quesitos, é elaborado de forma rígida, seguindo-se determinados padrões e normas, do que se origina sua gramática peculiar. A gramática do texto jornalístico possui estrutura simplificada e código linguístico restrito, o que, além de possibilitar o controle de qualidade, torna a produção do texto facilitada e acelerada, características importantes da produção de um item de consumo de massa (Tavares, 1997, p. 124).

No contexto acadêmico, Rossoni e Chatgpt (2022) apontam que a IA levanta questionamentos acerca da dificuldade de discernir se um texto foi produzido por um estudante ou por um robô. Além disso, já existem proibições quanto ao uso da IA para fins científicos, porém, o autor acrescenta que a IA, utilizada de maneira equilibrada, poderá ajudar os cientistas na criação de novas ideias durante o processo criativo.

Com relação ao conteúdo produzido pela IA, a qualidade percebida está relacionada à dificuldade de determinar se um texto foi produzido por um humano ou por uma IA. Dessa forma, quando se estabelece esse cenário, é sinal de que certo grau de qualidade foi alcançado. Caso contrário, não haveria por que duvidar. Segundo Baltar e Baltar (2023), iniciativas realizadas por jornalistas na tentativa de demonstrar este fato reforçam a noção de que o temor talvez seja a impossibilidade de diferenciar um texto feito por IA de outro feito por um humano. Além disso, existe a surpresa de uma máquina ter condições de “imitar” o trabalho de uma pessoa, como se a máquina possuísse características essencialmente humanas.

Combinado com a qualidade de produção de textos comparáveis aos dos seres humanos, a velocidade aparece como outro fator que banaliza uma atividade que exigiria esforço e tempo

despendidos para que um resultado considerado bom fosse atingido por um ser humano. Nesse sentido, “bom jornalismo se faz quando você mantém princípios éticos. A essência do jornalismo é a informação de qualidade. Esse jornalismo eu acho que existe, persiste e sobrevive em todos esses momentos” (Bueno *et al.*, 2015, p. 89). Assim, à medida que a IA começa a alcançar um nível de qualidade impossível para o ser humano, a pressa torna-se amiga da perfeição? Em um teste realizado pelo G1, da Globo (2023), foi solicitado que o ChatGPT elaborasse uma redação sob as regras do Enem, com o seguinte tema: “Desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil”. A IA entregou o resultado, segundo a matéria do G1, em 50 segundos. Além disso, a redação criada pela IA foi avaliada por duas especialistas em redação para o Enem e recebeu 680 pontos, sendo o máximo 1000. A matéria publicada com o título “Robô 'ChatGPT' escreve redação do Enem em 50 segundos; saiba quanto ele tiraria na prova” (2023) demonstra, de forma simples, o potencial atual da IA e como o ser humano pode ser facilmente alcançado até certo ponto.

Os veículos de comunicação também são orientados a negócios e objetivam o lucro. Levar informação relevante é seu produto. O que uma pessoa considera relevante pode ser bastante variável, mas também determinante em certos momentos em que a celeridade predomina e define sua necessidade de informação. Como acrescenta Martins (2021), o acesso antecipado à informação torna-se uma vantagem competitiva. Dessa forma, ganham destaque as atividades voltadas a tratar, compilar, organizar e processar grandes volumes de dados no menor tempo possível. Nesse sentido, a percepção de qualidade será a informação que um indivíduo precisa, considerando o lugar, o suporte e o tempo em que a obteve, seja para sair de casa mais cedo ou até mesmo para deixar de adquirir determinado produto.

Sem considerar outros aspectos para determinar o que deveria ser observado como qualidade, entende-se que outras habilidades poderiam ser desenvolvidas pelos jornalistas, como análises minuciosas e/ou textos opinativos, se possível, com vistas a uma diferenciação de um grau de qualidade que a IA ainda não atingiu. Ademais, desenvolver conteúdo com mais qualidade não significa dar uma resposta à IA, mas sim uma necessidade dos seres humanos de continuarem evoluindo com propósito, ao propor novas ideias e formatos que servirão de guia na condução de seus trabalhos junto à sociedade.

Pós-discussões

Os movimentos que se direcionam a mudanças que condicionarão e se consolidarão como transformações nas relações de trabalho têm muito a ver com a maneira como as pessoas consomem qualquer tipo de produto ou serviço. As demandas continuarão a existir, mas a transformação ocorrerá na forma de obtê-las e de satisfazer os desejos que sempre existiram. Embora não seja simples imaginar os impactos na vida profissional, esse é um fato com o qual os profissionais deverão lidar, seja criando formas de produção orientadas a princípios que agreguem mais valor ao seu trabalho, levando em consideração que esse tipo de mudança acarretará, inevitavelmente, impacto econômico, além de alterar o perfil dos consumidores que irão demandar o serviço ou produto atualizados.

Este estudo, com a intenção de obter uma resposta direta sobre os possíveis impactos causados pela IA no jornalismo, fez a seguinte pergunta ao ChatGPT: Como o ChatGPT poderia ajudar um jornalista? Justifica-se tal pergunta porque este estudo investiga como a IA está sendo aplicada na prática jornalística, por meio da análise de textos científicos sobre seus efeitos positivos e negativos. Pretende-se evidenciar, com a resposta dada pelo ChatGPT (IA), uma noção do quão instrumentalizada pode estar a atuação de um jornalista. Resposta: O ChatGPT pode ser uma ferramenta extremamente útil para jornalistas de várias maneiras, auxiliando em diferentes etapas do processo de produção de notícias e conteúdos. Entre elas, destacam-se: pesquisa rápida e resumos de informações; geração de ideias e sugestões de pauta; apoio na redação de textos; verificação de fatos e coerência; revisão de texto e sugestões de estilo; assistência na cobertura ao vivo; entrevistas simuladas; e tradução e adaptação de textos, segundo a OpenAI (2024).

Percebe-se que muitos assuntos são atravessados pela IA, de modo que a estrutura que sustenta o *modus operandi* de diversas profissões será deslocada. O desequilíbrio provocado pela mudança no centro de gravidade dessa estrutura, que governa a atuação dos indivíduos, será o grande impacto que modificará as relações de trabalho e de vida em sociedade. Por esse motivo, entende-se que a regulamentação é imprescindível neste momento, pois servirá de base e de orientação sobre a maneira como a sociedade deverá e poderá lidar com essa nova tecnologia, compreendendo qual deve ser o seu papel nessa nova fase mediada por tecnologias consideradas inteligentes. De acordo com Brasil [Ministério da Fazenda] (2025), uma regulação equilibrada da Inteligência Artificial é vista como essencial para o novo ciclo de desenvolvimento do Brasil, proporcionando previsibilidade e atração de investimentos. O debate na Câmara dos Deputados destacou a importância de uma legislação que proteja os

cidadãos e incentive a inovação de forma responsável. Além disso, será preciso considerar que o Brasil não dispõe, até o momento, de potencial tecnológico para desenvolver aplicações que possam competir com as empresas de tecnologia internacionais. Em um artigo publicado pela Universidade de São Paulo (2021), discute-se a necessidade de democratizar a IA para evitar o monopólio de grandes corporações e governos. O artigo defende a regulamentação, a criação de órgãos de controle e o investimento em educação e pesquisa para garantir que a IA seja utilizada para o bem-estar social.

Conclusões

Seguramente, os avanços que a sociedade experimenta quando há transformação dos processos e das profissões, impulsionados pela tecnologia - e aqui não se defende que as mudanças advêm apenas da Inteligência Artificial, pois até o computador, por si só, já modificou muita coisa, como o papel, a caneta e tantos outros, desse modo, as transformações tecnológicas promovidas pela utilização da IA, são as motivações para que os modelos estabelecidos sejam alterados. Em muitos casos, os objetivos permanecerão os mesmos, mas a maneira de realizar as tarefas e o tempo de execução provavelmente não.

Diante das mudanças profissionais e dos papéis que regem como um determinado profissional deve atuar, esses, sim, serão alguns dos impactos que a sociedade observará ao longo das transformações. A questão que se coloca é a seguinte: até que ponto cada profissional irá resistir à mudança, ou se reinventar será a oportunidade de coexistir em um ambiente onde as atividades se tornarão obsoletas? Em parte, aspectos humanos convergem com os tecnológicos; máquinas também dependem de seres humanos. Basta perguntar a uma delas qual é o seu propósito de existir. A máquina poderia auxiliar o ser humano a torna-se cada vez mais livre de certas atribuições, no sentido puro de resgatar sua própria humanidade. Qualquer um pode usar uma ferramenta, mas realizar tarefas que poderiam ser automatizadas não vai além da criatividade, pois aprender a imitar as habilidades profissionais serviria apenas para reproduzir uma estrutura já modelada. Onde, então, estaria a transformação? A transformação estaria na oportunidade de otimizar o trabalho jornalístico, desde a concepção de ideias até a produção e revisão de textos, permitindo que o jornalista se concentre em aspectos mais críticos e criativos de sua profissão. Todavia, existe a possibilidade de o jornalista ter a sua credibilidade questionada, pois o seu ofício poderia ser exercido por “qualquer pessoa”, não havendo,

portanto, requisitos prévios que legitimem uma atuação jornalística respaldada por uma validação que o autorize a atuar, mas apenas o mero desejo e a capacidade técnica de agir.

A regulamentação da Inteligência Artificial, que está em curso no PL 2338/23, pode se tornar uma resposta ao cenário de grande mudança que ainda está em andamento. O projeto será uma tentativa de delimitar os usos e as possíveis implicações legais decorrentes do uso da IA. Além disso, será preciso discutir como a escola irá formar os alunos e o que ensinar, pois, assim como são ensinados valores fundamentais sobre ética, moral e integridade, será necessário ensinar como lidar com a IA em um mundo permeado por essa tecnologia. Será importante investir na educação, porque os indivíduos continuarão sendo parte do todo, com ou sem a IA, e demandarão ainda mais da capacidade crítica em determinados assuntos. A sociedade será o início e o fim, e o meio poderá ser dominado pela IA. No entanto, ambas as extremidades influenciarão o quê, o como e o quando o meio irá processar sua realidade. De acordo com Paleta; Pelissaro (2016); Kaufman; Santaella (2020) e Assis (2023), uma sociedade que utiliza recursos tecnológicos, sem antes desenvolver o pensamento crítico, poderá criar polarizações que produzem visões radicais acerca de temas absolutamente pacíficos. Portanto, políticas públicas voltadas para a formação instrumental produzem cidadãos capazes de executar comandos e matam a criatividade, porque o pensamento crítico deixa de ser estimulado.

Os avanços tecnológicos, especialmente a Inteligência Artificial (IA), estão redefinindo o cenário do jornalismo, com impactos que se estendem da automação à ética profissional. O estudo aponta que, embora a IA possa otimizar a produção de conteúdo e a interpretação de dados, ela traz desafios significativos, como a baixa qualidade de textos complexos e o risco de desinformação. Portanto, o jornalista continua sendo uma figura importante no processo de mediação da informação, cuja capacidade humana de apuração, criatividade e checagem de fatos permanece insubstituível.

Referências

ALURA. **Inteligência Artificial (IA)**. 2023. Disponível em: <https://www.alura.com.br/artigos/inteligencia-artificial-ia>. Acesso em: 01 ago. 2025.

ALVES, V. D. S. O conceito de verdade na Lógica Formal. **Revista Portuguesa de Filosofia**, p. 411-422, 1992.

AMARAL FILHO, N. **Jornalismo e IA generativa**: ensino, interdisciplinaridade, mercado e ética. Rio de Janeiro: Mauad X, 2024.

ASSIS, F. Inteligência artificial e jornalismo opinativo: problematizando em diálogo com o ChatGPT. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 63-75, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2023.95413>. Acesso em: 20 set. 2024.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MEDICINA DIAGNÓSTICA (ABRAMED). **Desenvolvimento da inteligência artificial na saúde esbarra em questões éticas e integração de dados**. Abramед, 2023?. Disponível em: <https://abramed.org.br/5512/desenvolvimento-da-inteligencia-artificial-na-saude-esbarra-em-questoes-eticas-e-integracao-de-dados/>. Acesso em: 09 set. 2024.

ASSUNÇÃO, S. B.; ASSUNÇÃO, E. G. D. O.; SANTOS, M. R. A. D. A Inteligência Artificial no auxílio da produção jornalística.. In: Anais do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. **Anais...Campina Grande(PB)**, 2023. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/regional/6/050720232016446458315c96d75.pdf>. Acesso em: 20 set. 2024.

BALTAR, R; BALTAR, C. S. Professores serão substituídos pela inteligência artificial?. **Authorea Preprints**, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22541/au.167528138.89188276/v1>. Acesso em: 20 set. 2024.

BRASIL. Congresso Nacional. **Projeto de Lei n. 2338, de 2023**. Dispõe sobre [...]. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/projetos-de-lei/2338/2023>. Acesso em: 21 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Fazenda. **Regulação equilibrada da Inteligência Artificial ajudará a fortalecer o novo ciclo de desenvolvimento do país**. Brasília, DF, 10 jun. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/fazenda/pt-br/assuntos/noticias/2025/junho/regulacao-equilibrada-da-inteligencia-artificial-ajudara-a-fortalecer-o-novo-ciclo-de-desenvolvimento-do-pais>. Acesso em: 02 ago. 2025.

BUENO, T. C.; ARRAES REINO, L. S.; ARAÚJO, E. W.; GEHLEN, M. A.; ALVES, M. ENTREVISTA: “Não se faz notícia só com tecnologia”, diz a pesquisadora Thais de Mendonça Jorge. **Revista UNINTER de Comunicação**, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 86–92, 2015. DOI: 10.21882/ruc.v3i5.585. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/revistacomunicacao/index.php/revista/article/view/585>.

CANAVILHAS, J. Produção automática de texto jornalístico com IA: contributo para uma história. **Textual & Visual Media**, v. 17, n. 1, p. 22-40, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.56418/txt.17.1.2023.2>. Acesso em: 03 set. 2025.

CHIAVENATO, I. **Introdução à teoria geral da administração**: uma visão abrangente da moderna administração das organizações. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

DÖRR, K. N. Mapping the field of algorithmic journalism. **Digital journalism**, v. 4, n. 6, p. 700-722, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21670811.2015.1096748>. Acesso em: 25 ago. 2025.

FERNANDES, C. A autoria em textos produzidos por inteligência artificial e por alunos em uma perspectiva discursiva. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 214–235, 2024. Disponível em: 10.25189/rabralin.v23i2.2183. Acesso em: 25 ago. 2025

GLOBO. Robô ChatGPT escreve redação do Enem em 50 segundos: saiba quanto ele tiraria na prova. G1, 7 jan. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/01/07/robo-chatgpt-escreve-redacao-do-enem-em-50-segundos-saiba-quanto-ele-tiraria-na-prova.ghtml>. Acesso em: 22 set. 2024.

GODINHO, R. M. D. A. **Inteligência artificial e jornalismo: perspectivas exploratórias**. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2022.

KAUFMAN, D; SANTAELLA, L. O papel dos algoritmos de inteligência artificial nas redes sociais. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 27, n. 1, p. e34074, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2020.1.34074>. Acesso em: 20 set. 2024.

KUNCZIK, M. **Conceitos de jornalismo: Norte e Sul: manual de comunicação**. Tradução de Rafael Varela Jr. 2. ed. São Paulo: Ed USP, 2002.

MARCONI, F. **Newsmakers: Artificial intelligence and the future of journalism**. New York: Columbia University Press, 2020.

MARTINS, M. Resenha do livro *Mídia, opinião pública e sociedade – desafios para uma comunicação em transformação* – Guilherme Carvalho (org). **Revista UNINTER de Comunicação**, [S. l.], v. 9, n. 16, p. 87–90, 2022. DOI: 10.21882/ruc.v9i16.865. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/revistacomunicacao/index.php/revista/article/view/865>. Acesso em: 03 set. 2025.

MENESES, J. P. Sobre a necessidade de conceptualizar o fenómeno das fake news [On the need to conceptualize the phenomenon of fake news]. **Observatorio (obs*)**, v. 12, n. 5, p. 37-53, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15847/obsOBS12520181376>. Acesso em: 03 set. 2025.

MIT TECHNOLOGY REVIEW. A tecnologia como facilitador da gestão de pessoas baseada em evidências. **MIT Technology Review Brasil**, 2024. Disponível em: <https://mittechreview.com.br/a-tecnologia-como-facilitador-da-gestao-de-pessoas-baseada-em-evidencias/>. Acesso em: 10 set. 2024.

MIT TECHNOLOGY REVIEW. Inteligência artificial: benefícios para empresas de todos os setores. **MIT Technology Review Brasil**, 2023. Disponível em: <https://mittechreview.com.br/inteligencia-artificial-beneficios-para-empresas-de-todos-os-setores/>. Acesso em: 10 set. 2024.

NEXO JORNAL. **A regulação da IA no ambiente de trabalho**. Nexo Jornal, São Paulo, 10 dez. 2023. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/ensaio/2023/12/10/a-regulacao-da-ia-no-ambiente-de-trabalho>. Acesso em: 13 set. 2024.

OPENAI. **ChatGPT**. Disponível em: <https://chatgpt.com/>. Acesso em: 22 set. 2024. Pergunta realizada: como o ChatGPT poderia ajudar um jornalista?

PALETTA, F. C; PELISSARO, B. Informação, ciência e tecnologia na sociedade da informação no contexto da Web 3.0: uma análise a partir de três questões. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 18-28, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.47681/rca.v1i1.3133>. Acesso em: 03 set. 2025.

POSSENTI, S. Indícios de autoria. **Perspectiva**, v. 20, n. 1, p. 105-124, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10411>. Acesso em: 03 set. 2025.

RIBEIRO, A. T. Do digital para o impresso: automação e gatekeeper no contrafluxo da tecnologia. **Revista UNINTER de Comunicação**, [S. l.], v. 4, n. 7, p. 48–59, 2016. DOI: 10.21882/ruc.v4i7.649. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/revistacomunicacao/index.php/revista/article/view/649>. Acesso em: 20 ago. 2025.

ROBL FILHO, I. N; MARRAFON, M. A; MEDÓN, F. A Inteligência Artificial a Serviço da Desinformação: como as Deepfakes e as Redes Automatizadas Abalam a Liberdade de Ideias no Debate Público e a Democracia Constitucional e Deliberativa. **Economic Analysis of Law Review**, Brasília, v. 13, n. 3, p. 32-47, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.31501/ealr.v13i3.12527>. Acesso em: 10 set. 2024.

ROSSETTI, R; ANGELUCI, A. Ética Algorítmica: questões e desafios éticos do avanço tecnológico da sociedade da informação. **Galáxia** (São Paulo), n. 46, p. e50301, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-2553202150301>. Acesso em: 10 set. 2024.

ROSSONI, L; CHAT, G. P. T. A inteligência artificial e eu: escrevendo o editorial juntamente com o ChatGPT. **Revista eletrônica de ciência administrativa**, v. 21, n. 3, p. 399-405, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21529/RECADM.2022ed3>. Acesso em: 03 set. 2025.

SAAD, E; SANTOS, M. C. D. Jornalismo, inteligência artificial e desinformação: avaliação preliminar do potencial de utilização de ferramentas de geração de linguagem natural, a partir do modelo GPT, para difusão de notícias falsas. **Estudios sobre el mensaje periodístico**, Madrid, España, v. 29, n. 4, p. 783-794, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5209/esmp.87965>. Acesso em: 25 ago. 2025.

SILVA, A. A. D; PÔRTO JÚNIOR, F. G. R. Algoritmos silenciadores: desinformação e espiral do silêncio na era da inteligência artificial. **Organicom**, São Paulo, Brasil, v. 21, n. 44, p. 147–158, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2024.221079>. Acesso em: 03 set. 2025.

SPONHOLZ, L. Quando objetividade não é objectivity. Os princípios do jornalismo brasileiro e suas conseqüências. In: SOUSA, H.; MARINHO, S.; ROCHA, P. R. (org.). **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona 2008**: Comunicação e Cidadania. 1. ed. Coimbra: CECS/Pé de Página, 2009. p. 127-144. Disponível em: <https://www.lusocom.net/anuario/anuario-2008/>. Acesso em: 04 set. 2025.

TAVARES, M. A. O verbo no texto jornalístico: notícia e reportagem. **Working Papers em Linguística**, n. 1, p. 123-142, 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1490>. Acesso em: 04 set. 2025.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Jornal da USP. **Avanço da Inteligência Artificial traz vantagens, mas abre questões éticas, morais e sociais**. São Paulo, 14 jul. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/avanco-da-inteligencia-artificial-traz-vantagens-mas-abre-questoes-eticas-morais-e-sociais/>. Acesso em: 02 ago. 2025.

WEIL, E. **Filosofia política**. São Paulo: Loyola, 1990.

Recebido em: 10 de abril de 2025
Aceito em: 28 de agosto de 2025
